Missões
Revista de Ciências Humanas e Sociais

MEMÓRIAS SOBRE EDUCAÇÃO: O PROFESSOR WALDEMAR COSTA E SUA ESCOLA ITINERANTE NO RIO CAPIM (PA)

MEMORIAS SOBRE LA EDUCACIÓN: EL PROFESOR WALDEMAR COSTA Y SU ESCUELA ITINERANTE EN RIO CAPIM (PA)

MEMORIES ABOUT EDUCATION: THE TEACHER WALDEMAR COSTA AND HIS TRAVELING SCHOOL IN RIO CAPIM (PA)

Recebido em: 14/10/2024
Aceito em: 20/12/2024
Publicado em: 28/12/2024

Maria Auxiliadora Soares da Costa[1]
Instituto Federal do Pará

Nathália da Costa Cruz[2]
Instituto Federal do Pará

Resumo: Este artigo apresenta a história do Professor Waldemar Rodrigues da Costa e da Escola São Judas Tadeu, localizada na zona ribeirinha do município de São Domingos do Capim, interior do estado do Pará, nas décadas de 1950, 1960 e 1970; objetiva chamar a atenção para o fazer pedagógico em uma escola itinerante e multisseriada, relatando a luta pela educação e cidadania. Por intermédio da metodologia da história de vida, serão contadas as memórias de um advogado que se tornou educador e ajudou a desbravar o analfabetismo e a alienação de um povo que desconhecia seus direitos. Registrar a trajetória de um professor é fundamental para se compreender como, mesmo com poucos recursos pedagógicos ou o apoio das autoridades, se é capaz de provocar mudanças significativas na educação, mais particularmente nessa porção recôndita da Amazônia paraense.

Palavras-chave: História de Vida; Escola Ribeirinha; Professor Waldemar Costa; Educação na Amazônia.

Resumen: Este artículo presenta la historia del profesor Waldemar Rodrigues da Costa y de la Escuela São Judas Tadeu, ubicada en la zona ribereña del municipio de São Domingos do Capim, en el interior del estado de Pará, en las décadas de 1950, 1960 y 1970; tiene como objetivo llamar la atención sobre la práctica pedagógica en una escuela itinerante y multigrado, dando cuenta de la lucha por la educación y la ciudadanía. Utilizando la metodología de la historia de vida, se contarán las memorias de un abogado que se convirtió en educador y ayudó a superar el analfabetismo y la alienación de un pueblo que desconocía sus derechos. Registrar la trayectoria de un docente es fundamental para comprender cómo, incluso con pocos recursos pedagógicos o apoyo de las autoridades, es posible generar cambios significativos en la educación, más particularmente en esta remota porción de la Amazonía paraense.

Palabras-chaves: Historia de vida; Escuela Ribereña; Profesor Waldemar Costa; Educación en la Amazonía.

Abstract: This article presents the story of teacher Waldemar Rodrigues da Costa and the São Judas Tadeu School, located in the riverside area of the municipality of São Domingos do Capim, in the interior of the state of Pará, in the 1950s, 1960s and 1970s; aims to draw attention to pedagogical work in an itinerant and multiserialized school, reporting the struggle for education and citizenship. Using the life story methodology, the

[1]Pedagoga (Faculdade Estácio do Pará). Especialista em Linguagens e Artes na Formação Docente (IFPA) e em Psicopedagogia, com ênfase em Educação Especial (Unama). Pesquisadora do Grupo de Linguagens, Culturas, Tecnologias e Inclusão (Licti | IFPA). E-mail: costa.auxiliadora@hotmail.com
[2]Doutora em Letras (UFPA). Mestre em Educação (Uepa). Licenciada em Letras (Unama). Professora do IFPA. Escritora. Poeta. Pesquisadora do Núcleo de Culturas e Memórias Amazônicas (Cuma | UEPA) e do Grupo de Linguagens, Culturas, Tecnologias e Inclusão (Licti | IFPA). E-mail: nathalia.cruz@ifpa.edu.br

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v10i3.402
ISSN: 2447-0244

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

memories of a lawyer who became an educator and helped to overcome illiteracy and alienation among a people who were unaware of their rights will be told. Recording a teacher's trajectory is essential to understand how, even with few pedagogical resources or support from authorities, they are capable of bringing about significant changes in education, more particularly in this remote portion of the Pará Amazon.

Keyword: Life's history; Riverside School; Teacher Waldemar Costa; Education in the Amazon.

> "Dirás o que puderes lembrar. Trabalho com fragmentos de episódios, restos de acontecimentos, e tiro disso tudo uma história, tecida num desenho providencial. Quando me salvaste, tu me deste o pouco futuro que me resta e te recompensarei, devolvendo a ti o passado que perdeste."
> "Mas minha história talvez não faça nenhum sentido..."
> "Não existem histórias sem sentido. Sou um daqueles homens que o sabem encontrar até mesmo onde os outros não o vêem. Depois disso, a história se transforma no livro dos vivos, como uma trombeta poderosa, que ressuscita do sepulcro aqueles que há séculos não passavam de pó... Para isso, todavia, precisamos de tempo, sendo realmente necessário considerar os acontecimentos, combiná-los, descobrir-lhe os nexos, mesmo aqueles menos visíveis [...]." (Diálogo de Baudolino com Nicetas Coniates, na obra *Baudolino*, de Umberto Eco, 2000, p. 17).

INTRODUÇÃO

Neste artigo optou-se por escrever a história de vida de um educador e de sua escola itinerante e multisseriada, em um período em que as políticas públicas eram inexistentes nas zonas ribeirinhas do município de São Domingos do Capim, interior do estado do Pará, e mostrar que o fazer pedagógico é possível mesmo em meio a tantas dificuldades.

Atualmente, a técnica utilizada neste trabalho, a narrativa de vida, já é válida para as pesquisas sociais e para a educação, contrapondo os questionamentos de alguns estudiosos, que achavam que essa metodologia era carente de informações e precisariam ser agregadas outras fontes de pesquisa. Outros, por seu turno, reconheciam a validade científica desse método para conhecimento e desenvolvimento de indivíduos no seu núcleo, mas também concluindo que carecia de aplicação de regras, pois a consideravam subjetiva.

Houve o reconhecimento de que fatos relevantes no campo social, não havendo registros, desapareceriam; toda a historicidade dos acontecimentos e a história de vida tornam esses fatos conhecidos e reconhecidos. Sobre isso, Monteiro discorre:

> Utilizar a história de vida como variação da história oral tomando-a como método, visto compreender que possibilita uma visão abrangente, por definir e ordenar procedimentos para utilização propiciando a conexão entre teoria-prática e oportunizar que se lance mão de outros campos do saber, a fim de se entender alguns desafios enfrentando com mais intensidade na realidade (MONTEIRO, 2002, p. 19).

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v10i3.402
ISSN: 2447-0244

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

A história de vida utilizada na pesquisa educacional oportuniza ao pesquisador contribuir como fonte de estudo para novas pesquisas, por se tratar de acontecimentos que foram agentes transformadores em um determinado tempo e que passaram a fazer parte da história. O verdadeiro sentido da educação está no fazer diário e na construção de saberes, com determinação, coragem e valorização da cidadania.

Para escrever a temática deste trabalho, recorri às memórias de Emília de Carvalho Soares da Costa[3], atualmente com 97 anos, viúva do Professor Waldemar Rodrigues da Costa e minha mãe, entrelaças às minhas próprias recordações, pelo fato de não somente ser filha dele, como também minha alfabetização e letramento, assim como toda a minha base educacional, estar alicerçada na habilidade pedagógica de meu pai. Dona Emília mantém vivas as lembranças das dificuldades e vitórias da Escola São Judas Tadeu, da qual também fez parte de todo o processo educacional, por tantas vezes exercendo a função de auxiliar de classe. De modo a garantir a ética na pesquisa científica, foi elaborado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o qual foi assinado pela entrevistada, autorizando a publicação de seu relato.

Assim, este artigo é escrito também em primeira pessoa e justifica-se pelo fato de incorporar as memórias pessoais da pesquisadora às da entrevistada, acrescentando detalhamento à narrativa ora apresentada. Dessa feita, a história de vida, por meio das memórias e da narrativa oral, agregada à pesquisa bibliográfica, apoiada principalmente nas teorias críticas da educação, com ênfase em Paulo Freire, norteou a metodologia deste texto, dando o suporte científico necessário para o seu melhor desenvolvimento. Pois, de acordo com Freitas,

> [...] é pela oportunidade de recuperar testemunhos relegados pela História que o registro de reminiscências orais se destaca, pois permite a documentação de pontos de vista diferentes ou opostos sobre o mesmo fato, os quais, omitidos ou desprezados pelo discurso do poder, estariam condenados ao esquecimento (FREITAS, 2006, p. 47).

Para tanto, este texto foi organizado da seguinte maneira: na segunda seção, intitulada "A trajetória do Professor Waldemar Rodrigues da Costa"; na terceira, "A construção da Escola São Judas Tadeu"; e na quarta, "As práticas educativas do Professor Waldemar e a Escola São Judas Tadeu", apresento o registro da história de vida e de fatos vividos e que

[3]Entrevista oral concedida no dia 15 de fevereiro de 2024. Entrevistadora: Maria Auxiliadora Soares da Costa. Belém, PA, 2024. Arquivo MP3 (25 min.).

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v10i3.402
ISSN: 2447-0244
v. 10, n. 3, jan.–dez. 2024
Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

também foram por mim vivenciados sobre a escola itinerante idealizada por meu pai, as quais contribuíram significativamente para uma sociedade, então, carente no campo educacional; seguida pelas considerações finais e as referências que orientaram este estudo.

A TRAJETÓRIA DO PROFESSOR WALDEMAR RODRIGUES DA COSTA

Waldemar Rodrigues da Costa, de uma família tradicional do Amazonas, nasceu em Belém (PA), no dia 27 de fevereiro de 1919. Ainda recém-nascido foi para Manaus (AM), pois sua mãe veio a Belém apenas para dar a luz ao seu quarto filho, visto que, nesse tempo, o estado do Pará oferecia melhores serviços médicos.

Por infortúnio, aos seis meses de vida, ficou órfão de mãe. Logo seu pai constituiu outra família, o que causou uma mudança muito grande na vida familiar do velho "Comandante Trajano Costa" que foi obrigado a internar o filho aos 6 anos de idade no Colégio Dom Bosco, na capital amazonense. Por seus primórdios serem em uma escola com práticas pedagógico-evangelizadoras, tornou-se um homem temente a Deus, de conduta justa e de caráter idôneo, o que também o impulsionou a uma trajetória acadêmica notável, por ser o Colégio Dom Bosco comprometido com uma educação humana, para a formação crítica, ética, social e política do educando, para o exercício de uma cidadania participativa, construtiva e solidária.

Formado em Direito, fazia discursos inflamados em favor dos oprimidos e, em decorrência disso, passou a ser incompreendido e injustiçado. Contudo, seguiu sua vida normalmente, exercendo a profissão de advogado, chegando a ser delegado de polícia em Itacoatiara, município na região metropolitana de Manaus. Ainda muito jovem constituiu família, que não teve longa duração, pois sua esposa veio a falecer deixando duas filhas. Desmotivado, em razão da morte da primeira esposa e da perseguição política sofrida por ser de oposição aos governos, resolveu vir tentar uma nova vida em sua terra natal, deixando as primeiras filhas aos cuidados das suas irmãs.

A CHEGADA AO MUNICÍPIO DE SÃO DOMINGOS DO CAPIM – PARÁ

Em junho de 1953, chega a São Domingos do Capim, interior do Pará, o cidadão Waldemar Costa, trazendo consigo apenas a bagagem cultural. Recém-chegado do Amazonas, onde deixara sua família, herança, diploma de advogado e sua carreira política, quis o destino, ou o espírito aventureiro, ou o chamado de um povo oprimido, foi ser mais um desprovido nas terras capimenses.

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v10i3.402
ISSN: 2447-0244
v. 10, n. 3, jan.–dez. 2024
Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

> *Ele dizia que certo dia estava sentado na Praça Princesa Isabel, meio abatido, quando uma senhora sentou ao seu lado e perguntou o porquê de sua tristeza. Ele, então, contou a ela a sua vida. A boa senhora perguntou se ele queria ir com eles para São Domingos do Capim, que seu marido era forte comerciante no vale do Rio Capim e que ele trabalharia na contabilidade do comércio. O destino foi um vilarejo, por nome Berlinda, às margens do rio Capim, mas ele ficou por lá pouco tempo. O patrão, dono do comércio, explorava os funcionários e os fregueses, e como ele não gostava de injustiça, também não aceitou ser explorado* (EMÍLIA COSTA. Entrevista Oral, 2024).

De início, para sua sobrevivência, passou a ser "caixeiro guarda-livros" o mesmo que "caixa" e "contador" em um comércio na zona ribeirinha. Ao testemunhar as condutas exploratórias às comunidades locais, foram inevitáveis os rompimentos de vínculos de trabalhos e de amizades. As transformações ocorriam de forma desordenada, ele tinha apenas a certeza de que não podia voltar atrás, era uma nova e decisiva etapa em sua vida.

> *Como precisava trabalhar, sustentar uma família, ele começou a lecionar para crianças, jovens e adultos de forma particular, sem ser uma escola. Devido* [ao fato de] *ser um homem letrado, sabia ensinar, aí sua fama começou a se espalhar e pessoas o chamavam para dar aulas em sua localidade. Dessa maneira, foi convidado por um senhor que se chamava João Aranha, que morava no alto rio Capim, Sítio São Calisto, para ensinar os filhos dele e para os sobrinhos da mulher dele, mais os moradores locais. Foi quando ele resolveu dar para sua sala de aula o nome de Escola Particular São Judas Tadeu* (EMÍLIA COSTA. Entrevista Oral, 2024).

Um novo casamento e uma família para sustentar. Desempregado, em terras estranhas, não tinha habilidades para o trabalho agrário, único meio viável para garantir a sobrevivência, e foi nesse período que lhe ocorreu contribuir com aquele povo carente de conhecimentos. Tendo como princípios que a educação edifica e dignifica o homem, assumiu a missão de educar. Ali começou a trajetória do "Professor Waldemar", como ficou conhecido.

A princípio, ele ia de casa em casa, com seus inseparáveis livros, fazendo leituras. As pessoas ficavam deslumbradas com as descobertas das coisas que jamais imaginavam existir e passaram a solicitar com frequência essa prática do conhecimento em suas residências. Dessa carência, formou uma escola particular em casa para alfabetizar as crianças, jovens e adultos, e que também seria uma forma de trabalhar e dela tirar o sustento para a sua sobrevivência e de sua família.

A CONSTRUÇÃO DA ESCOLA SÃO JUDAS TADEU

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v10i3.402
ISSN: 2447-0244
v. 10, n. 3, jan.–dez. 2024
Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

O município de São Domingos do Capim está localizado na mesorregião nordeste paraense e possui 1.686,765 km² de área[4]. Na década de 1950, o contexto socioeconômico era supressivo, a população sobrevivia do extrativismo, da agricultura, da pesca e da caça, apenas para subsistência, a exceção de poucos comerciantes localizados ao longo do vale do rio Capim, que forneciam os produtos industrializados.

As mercearias eram "casas aviadoras" e exploravam a comunidade que, levada pelas necessidades, se tornava ainda mais carente. O pouco que produzia, comercializava, pela falta de conhecimentos e acabava por contribuir com o enriquecimento de uma minoria. Esse tipo de comercialização era muito comum naquele período, a qual, segundo Freire,

> Nas grandes propriedades separadas umas das outras, pelas próprias disposições legais, por léguas, não havia mesmo outra maneira de vida que não fosse a de se fazerem os "moradores" desses domínios, "protegidos" dos senhores. Tinham de se fazerem protegidos por eles, senhores todo-poderosos, das incursões predatórias dos nativos. Da violência arrogante dos trópicos. Das arremetidas até de outros senhores. Aí se encontram, realmente, as primeiras condições culturológicas em que nasceu e se desenvolveu no homem brasileiro o gosto, a um tempo de mandonismo e de dependência, de "protecionismo", que sempre floresce entre nós em plena fase de transição (FREIRE, 2015, pp. 71-72, grifo do autor).

Essa relação de exploração se fazia muito mais pungente pela pouca ou nenhuma escolaridade da população local, que se via alheia aos seus direitos, em primeiro lugar, por sequer saber ler e escrever. Assim, São Domingos do Capim era desassistido pelas autoridades públicas, a população era desprovida de todo tipo de assistência, nas áreas de saúde e, em especial, na educação. Embora a sede do município esteja a 130 km distante de Belém, na época, o acesso era muito difícil, o meio de transporte era predominantemente fluvial, canoa a remo ou barcos à vela ou motorizados, para os mais abastados; também pelo acesso terrestre, a zona rural era entrecortada por caminhos, cujo meio de transporte eram carroças puxadas por cavalos ou feito por caminhadas a pé.

Por toda essa historicidade, interposta de necessidades e alienação no campo educacional, o contingente de crianças e adultos analfabetos era muito grande. Esse cenário era ocasionado pela falta de escolas e, consequentemente, pela falta de professores. Diante da carência da população rural, as escolas itinerantes acabam sendo o único ramo da educação sistematizada presentes nos longínquos rincões da Amazônia ribeirinha, muitas vezes composta por salas multisseriadas, cujos estudantes variavam a cada série, saberes e faixas

[4]Informações disponíveis em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/sao-domingos-do-capim/panorama. Acesso em: 02 fev. 2024.

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v10i3.402
ISSN: 2447-0244
v. 10, n. 3, jan.–dez. 2024
Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

etárias, cabendo ao professor atender, como podia, às diversas necessidades daqueles discentes.

> Destaca-se a itinerância, ou seja, uma escola que não fica parada ensina na vida e não apenas para vida, ela é a própria vida na organicidade dos sujeitos em movimento; e a formação para atualidade, que busca nas vivências geradoras, na organicidade e na produção do conhecimento a produção de novas relações de formação humana (GEHRKE, 2010, p. 111).

Nas terras às margens do rio Capim, estava formada a Escola São Judas Tadeu que, por três décadas, atuou de maneira itinerante e multisseriada. Itinerante, por sempre migrar, quando em um núcleo as crianças já estavam alfabetizadas, partia para outra localidade. Multisseriada, porque o professor trabalhava dentro de uma mesma sala de aula com alunos de idades e níveis de conhecimento diferentes.

Como afirma Hage (2005), as classes multisseriadas são desafios aos professores que trabalham em escolas dos interiores, nas localidades ribeirinhas, de difícil acesso. As escolas funcionam em um núcleo propício para atender às comunidades próximas e, dessa forma, atendem a diferentes faixas etárias e de desenvolvimento escolar em uma única classe. São essas escolas do campo que contribuem para a permanência dos indivíduos em seus lugares, com o propósito de diminuir a precarização da educação.

Com relação às classes multisséries, Rosa explica que:

> A classe multisseriada é organizada, na maioria das vezes, pelo número reduzido de alunos para cada série, o que a caracteriza como mais do que uma simples classe. Ela representa um tipo de escola que é oferecida a determinada população e remete diretamente a uma reflexão sobre a concepção de educação com que se pretende trabalhar (ROSA, 2008, p. 228).

Falar sobre a educação ribeirinha nos remete a pensar sobre o descaso ainda muito presente nesse campo existencial e no sistema de educação oferecido para as classes sociais mais pobres que habitam em áreas mais isoladas, onde as escolas possuem salas de aula com superlotação. Assim era a situação do Professor Waldemar, que exercia múltiplas funções, de acordo com a sua situação habitacional, pois a sua sala de aula ficava em sua residência.

A ITINERÂNCIA PELO VALE DO RIO CAPIM

A Escola São Judas Tadeu percorreu várias localidades ao longo da extensão do médio e baixo rio Capim. Mediante a necessidade das crianças ribeirinhas, a escola geralmente era

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v10i3.402
ISSN: 2447-0244
v. 10, n. 3, jan.–dez. 2024
Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

solicitada pelos líderes dos núcleos comunitários, para que no ano subsequente realizasse suas atividades educativas, dessa forma, ela era caracterizada como itinerante e, praticamente, a cada ano atendia a um lugar diferente. *"Porque em seis meses ele alfabetizava e colocava as crianças lendo, escrevendo e fazendo as continhas; e por esse motivo o ensino dele agradava e convidavam e ele era procurado para lecionar em outra localidade."* (EMÍLIA COSTA. Entrevista Oral, 2024).

Quadro 1 – Localidades onde funcionou a Escola São Judas Tadeu.

LOCALIDADE	ANO
São Calisto	1953
João Aranha	1954-1955
Trindade	1956
Lino Paulo	1956
Ariacaua	1957
Arraial São Joaquim/Igarapé Pirajauara	1958
João Fernandes	1959
Santa Maria	1960
Sítio Castanhal/Joaquim de Jesus	1961
Jaboti Maior	1962
Sítio da Dorotéia	1963
Sítio do Domingos Neves	1963
Sítio do Lourenço Aires	1964
Santana do Capim 1º período	1965
Aningal	1966
Santana do Capim 2º período	1966
Acará	1967
Ipixuna	1968
Vila Fátima	1969
Vila Aurora	1969
Vila Mãe do Rio	1970-1974
Ariacaua	1975
Ponte do Igarapé Pirajauara/Estrada do Acará	1976

Fonte: Elaboração da autora (2023).

Nessas localidades (Quadro 1), a escola funcionava em casas cedidas pelos moradores das comunidades. Elas eram feitas em madeira e cobertas com telhas de barro, geralmente divididas em sala, quarto e cozinha, e serviam, duplamente, como sala de aula e residência do professor e de sua família. Em alguns lugares, a escola ficava sediada em vilarejos muito pequenos, compostos por quatro ou cinco casas e uma capelinha; em outros, era apenas uma casa à margem do rio. Os alunos chegavam à escola de canoa a remo ou por caminhos no meio da mata.

Gauthier e Martineau (2001) declaram que, dentro da sala de aula, os alunos formam uma espécie de microssociedade, em que cada um vai se ajustando dentro da realidade

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v10i3.402
ISSN: 2447-0244
v. 10, n. 3, jan.–dez. 2024
Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

individual e, aos poucos, passam a trocar informações, conhecimentos, experiências. Sendo assim, nesse microcosmo, aprendem uns com os outros, de uma forma espontânea e orgânica.

> [...] a sala de aula é uma micro sociedade onde cada um ajusta as suas crenças e os seus comportamentos em função do outro […] e os alunos não somente aprendem uns com os outros, mas sua relação com o saber será em parte determinada pela dinâmica da classe (GAUTHIER; MARTINEAU, 2001, p. 65).

A Escola São Judas Tadeu teve relevância não somente no âmbito educacional. A partir da fala esclarecedora do Professor Waldemar, a população aprendera a reivindicar seus direitos e, assim, a ter acesso à escola pública, que começou a ser implementada e a se multiplicar no município. Mesmo sem formação na área, ele já trabalhava com a ideia de que a educação é a única arma para transformação social e alcance da autonomia, consoante ao pensamento freiriano:

> Como professor não devo poupar oportunidade para testemunhar aos alunos a segurança com que me comporto ao discutir um tema, ao analisar um fato, ao expor minha posição em face a uma decisão governamental. Minha segurança não repousa na falsa suposição de que sei tudo, de que sou o "maior". Minha segurança se funda na convicção de eu sei algo e de que ignoro algo a que se junta a certeza de que posso saber melhor o que já sei o que ainda não sei (FREIRE, 2021, p. 132, grifo do autor).

Meu pai, político-partidário de esquerda, fazia oposição aos governos municipais que deixavam a população em segundo plano. Por ser a favor dos mais humildes, ganhou amigos sinceros e muitas inimizades. Mesmo tendo deixado de advogar, pelo motivo de ter feito a escolha de viver no interior, não deixou de ajudar as pessoas quando precisavam de um esclarecimento jurídico ou ainda de um acompanhamento na delegacia para resolver brigas por posse de terras, invasão de territórios, entre outras pendengas.

AS PRÁTICAS EDUCATIVAS DO PROFESSOR WALDEMAR E A ESCOLA SÃO JUDAS TADEU

A composição estrutural da Escola São Judas Tadeu, em qualquer localidade onde estivesse, era de salas sempre improvisadas, com grandes mesas e bancos de madeira, um quadro negro, uma campainha e um pote de água para matar a sede dos alunos e do professor

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v10i3.402
ISSN: 2447-0244
v. 10, n. 3, jan.–dez. 2024
Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

no grande calor do nordeste paraense. Durante o dia, a escola atendia crianças e jovens, e, à noite, à luz de lamparina, pessoas adultas.

Nessas condições, o Professor Waldemar construía grandes laços de saberes, afetividades e trocas de conhecimentos, também aprendia com os nativos os conhecimentos do campo, afinal, era uma relação de partilha. A família o acompanhava nesse êxodo e, já ficando numerosa, precisava de ajuda no aspecto das tarefas domésticas, por isso, o acolhimento das famílias locais era incondicional, transformando as relações professor e comunidade em amizades que duraram a vida toda.

A Escola São Judas Tadeu não era reconhecida pelos órgãos competentes da educação, dessa forma, não emitia boletins. Portanto, não era utilizado o currículo oficial, muito embora fossem repassados conteúdos de Português, Ciências, Matemática, Geografia, Saúde e Política; nela prevalecia o currículo real, que se destacava na relação do dia a dia, no transcorrer das aulas, proporcionando ao professor conhecer o modo de pensar e os interesses dos alunos; e o currículo subsunçor, advindo das vivências de cada um, que já se moldava às últimas tendências metodológicas e pedagógicas, com o intuito de valorizar a realidade do aluno.

Meu pai educava para a consciência cidadã, segundo uma perspectiva freiriana de educação, para quem "a conscientização como atitude crítica dos homens na história não terminará jamais. Se os homens, como seres que atuam continuarem aderindo a um mundo 'feito', ver-se-ão submersos numa nova obscuridade". (FREIRE, 1980, p. 27, grifo do autor).

Como educador, ele usava a criatividade para que o ensino-aprendizagem obtivesse um resultado rápido e eficaz. Criou uma dinâmica chamada "Viva o ABC", quando um aluno começava a ler, era montado um cenário como se fosse um pódio e aquele aluno subia e gritava: "VIVA O ABC!". Outra forma de dinamizar as suas aulas era mudar o ambiente diário, às vezes, por exemplo, transportava as mesas e os bancos para debaixo das árvores e o assunto abordado era sobre conhecimentos gerais.

O Professor Waldemar não se preocupava somente com a alfabetização, promovia eventos no decorrer do ano letivo para que houvesse a integração social entre os estudantes. Muitos desses momentos eram oportunos para o encontro entre escola, alunos, pais e responsáveis e a população dos arredores da sede da escola. Era pautado o Dia das Mães, dos Pais, festas juninas, 07 de Setembro, e demais datas comemorativas. Outra ocasião especial era o dia 28 de outubro quando, no catolicismo, é celebrado São Judas Tadeu, que emprestava o nome à escola. Nessa data, a Escola São Judas Tadeu ficava em festa durante todo o dia,

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v10i3.402
ISSN: 2447-0244
v. 10, n. 3, jan.–dez. 2024
Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

com muitas atrações, entre elas uma "Olimpíada", com diversas modalidades de competições, com direito a premiações.

> *A cada dia 20 de dezembro, o professor Waldemar fazia uma comemoração durante todo o dia, com a participação dos alunos, pais e comunidade; e na ocasião era servido um almoço e também uma demonstração do que os alunos haviam aprendido durante o ano. À tarde ocorriam brincadeiras. Também essa comemoração era uma forma de despedida, porque a Escola, no ano seguinte, partia para outra localidade* (EMÍLIA COSTA. Entrevista Oral, 2024).

No fim de dezembro, acontecia o encerramento do ano letivo e era apresentado às famílias o resultado do desempenho dos estudantes. A avaliação ocorria em tempo real, os alunos se preparavam para serem submetidos a um teste de aprendizagem. Muito embora não fosse atribuída uma nota numérica, havia somente o orgulho de mostrar à família e ao professor que alcançaram êxitos no processo ensino-aprendizagem.

> *Eram usados livros, de acordo com o desenvolvimento do aluno, cartilhas, primeiro livro, segundo livro, terceiro livro, e também o preparatório para o Exame de Admissão ao Ginásio. Os pais dos alunos davam os recursos para serem comprados* [os materiais] *pelo professor. Os cadernos eram feitos de papel almaço, cortados ao meio e costurados à mão e as canetas eram de pena, que eram molhadas no tinteiro* (EMÍLIA COSTA. Entrevista Oral, 2024).

Conforme o relato de Dona Emília, o material didático disponibilizado era composto por livros diversos, recebidos de doações de alguns contatos em Belém; e por materiais confeccionados em sala de aula, como cartilhas e cadernos feitos de papel almaço, costurados à mão, pelo próprio professor, com a ajuda de sua esposa e, algumas vezes, dos estudantes também. Por todo o exposto, observa-se que, apesar das precariedades das instalações, do informalismo e da improvisação, a escola ribeirinha São Judas Tadeu era sim um espaço de aprendizagem efetiva, afetiva e ativa.

O RECONHECIMENTO DA ESCOLA E O TÍTULO DE CIDADÃO CAPIMENSE

A Escola São Judas Tadeu, itinerante e multisseriada, tinha como compromisso levar a educação e conscientização sociopolítica à população ribeirinha do vale do rio Capim, tornando-a capaz de reivindicar seus direitos. Conforme o depoimento de dona Emília, na década de 1960, a escola *"[...] foi reconhecida como Utilidade Pública pela Câmara Municipal através do requerimento do Vereador Elísio Luz [...]* [e] *ele* [Waldemar] *recebeu*

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v10i3.402
ISSN: 2447-0244
v. 10, n. 3, jan.–dez. 2024
Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

da Câmara Municipal o Título de Cidadão Capimense, no ano de 1978." (EMÍLIA COSTA. Entrevista Oral, 2024). É dizer, a mesma câmara concedeu o Título de Cidadão Honorário ao Professor Waldemar, pela relevância de seus serviços prestados à educação capimense.

IMAGEM 1 – TÍTULO DE CIDADÃO CAPIMENSE CONCEDIDO AO PROFESSOR WALDEMAR COSTA.


Camara Municipal de São Domingos do Capim

TÍTULO DE CIDADÃO DE SÃO DOMINGOS DO CAPIM

A Camara Municipal de São Domingos do Capim nos termos da Resolução n.º 010, de 20 de AGOSTO de 197[illegible], confere o titulo honorifico de Cidadão de São Domingos do Capim, ao Exmo. Sr. WALDEMAR RODRIGUES DA COSTA como homenagem pelos bons serviços prestados ao Municipio de São Domingos do Capim

Camara Municipal de São Domingos do Capim, 20 de AGOSTO de 197[illegible]

PRESIDENTE — 1.º SECRETÁRIO — 2.º SECRETÁRIO

Fonte: Arquivo da autora (2023).

Receber essa honraria (Imagem 1) era motivo de orgulho para o cidadão Waldemar Rodrigues da Costa, que, de coração, se dizia capimense. Por tanto amor a São Domingos do Capim, que o acolheu e adotou, pediu à família que seus restos mortais repousassem na terra amada, quando do seu desencarne em 06 de março de 1993.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho foi contextualizada a importância da Escola São Judas Tadeu, através de seu idealizador, o Professor Waldemar, e da sua contribuição para a educação de São Domingos do Capim, provocando transformações nas consciências dos capimenses. Em sua atuação, ele influenciou para que as autoridades voltassem suas atenções às carências da

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v10i3.402
ISSN: 2447-0244
v. 10, n. 3, jan.–dez. 2024
Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

população e, por meio de políticas públicas, implementassem as primeiras escolas públicas no município.

A escrita de cada parágrafo deste texto foi permeada por fortes emoções, ao resgatar memórias de um passado difícil e, ao mesmo tempo, tomada por indeléveis lembranças da minha infância e adolescência; por tratar-se da narrativa da história de vida do Professor Waldemar Rodrigues da Costa, meu pai, e a trajetória de sua escola itinerante multisseriada na zona ribeirinha do rio Capim.

Dona Emília de Carvalho Soares da Costa é minha mãe, assim como Waldemar Rodrigues da Costa é meu saudoso pai. Sou originária da Escola São Judas Tadeu, a escola itinerante que, por assim ser, fecundou no chão capimense o conhecimento em muitas partes. Como o saber não perece, mas se expande e ultrapassa as cronologias, aqui estou eu, resgatando a história de um homem que se fez educador, através da memória de sua companheira de jornada.

Escrever as memórias sobre a vida de meu pai e sua modesta escola ribeirinha é, pelo legado deixado, para serem tomadas como referências de que a educação pode ser possível. Ele, mesmo com poucos recursos, construiu um universo valoroso de saberes em uma terra onde a educação era considerada irrelevante.

É necessário e importante contar uma história de vida no âmbito da educação, por ser uma das formas de relacionar o passado com o presente. Registrá-la é escrever mais um capítulo para a história da educação de homens e mulheres, pobres, ribeirinhos, de uma pequena escola do campo, nos rincões da Amazônia paraense, para que não se perca nos anais do tempo sem o seu devido e merecido reconhecimento histórico.

REFERÊNCIAS

ECO, Umberto. **Baudolino**. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

EMÍLIA COSTA. **Entrevista**. Belém (PA), 15 fevereiro. 2024.

FREIRE, Paulo. **Conscientização e Prática de Libertação**: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade** [recurso eletrônico]. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7699027/mod_resource/content/1/Paulo-Freire-Educa%C3%A7%C3%A3o-como-pr%C3%A1tica-da-liberdade-Editora-Paz-e-Terra-_2014_.pdf. Acesso em: 02 fev. 2024.

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v10i3.402
ISSN: 2447-0244
v. 10, n. 3, jan.–dez. 2024
Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à pratica educativa. 67. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FREITAS, Sônia Maria de. **História Oral**: possibilidades e procedimentos. 2. ed. São Paulo: Humanitas, 2006.

HAGE, Salomão Mufarrej (org.). **Educação do Campo na Amazônia**: retratos de realidade das escolas multisseriadas no Pará. Belém: Gráfica e Editora Gutemberg, 2005.

GAUTHIER, C.; MARTINEAU, S. Triângulo didático-pedagógico: o triângulo que pode ser visto como um quadrado. **Revista Educação nas Ciências**, Ijuí, v. 1, p. 45-77, jan./jun. 2001.

GEHRKE, Marcos. Escola itinerante e a organicidade nos ciclos de formação humana. **Analecta**, Guarapuava, Paraná, v.11, n. 1, p. 99-113, jan./jun. 2010. Disponível em: https://revistas.unicentro.br/index.php/analecta/article/view/2296/1951. Acesso em: 02 fev. 2024.

MONTEIRO, Albêne Lis. **Autoformação, histórias de vida e construções de identidade do/a educador/a**. Tese (Doutorado em Educação: Currículo), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), 2002.

ROSA, Ana Cristina Silva da. Classes multisseriadas: desafios e possibilidades. **Educação & Linguagem**, São Paulo, ano 11, n. 18, p. 222-237, jul.-dez. 2008. Disponível em: https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/EL/article/view/116. Acesso em: 02 fev. 2024.

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v10i3.402
ISSN: 2447-0244
v. 10, n. 3, jan.–dez. 2024
Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional